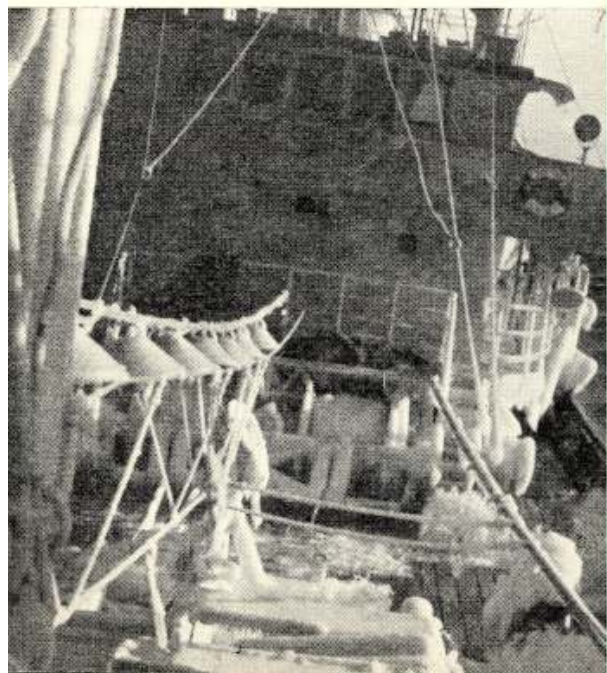


boa viagem...

Sairam já para a pesca todos os arrastões da Empresa de Pesca de Aveiro. Nos pesqueiros da Terra Nova ou Groenlândia, arrostando com maus tempos e temperaturas abaixo de zero, esses bravos homens do mar tudo suportam para trazerem os porões com o precioso bacalhau, que tão indispensável se torna para o desenvolvimento da E. P. A. e para a própria Economia Nacional. Aqui lhes deixamos expressa a nossa admiração, com votos de boa pesca e muita saúde para todos



E P A

FLÂMULA

ANO I N.º 2
— 1962 —

Santa Joana te acompanhe «Santa Joana»

«SANTA JOANA» — o decano dos nossos arrastões, não podia desaparecer da frota da E. P. A. apenas porque o seu coração havia sofrido uma grave lesão — consequência apenas da sua elevada idade — durante a última campanha de pesca.

Por isso, consultaram-se *especialistas* e o velho «SANTA JOANA» foi submetido a uma grande *intervenção cirúrgica* e o seu duplo coração «Guldner», que apenas lhe transmitia uma força de 900 HP, foi substituído por um novo coração Fairbanks Morse, que lhe vai transmitir uma força de 1.300 HP, e que é, no dizer dos *cirurgiões*, a última palavra da Técnica.

Assim, o nosso venerando «SANTA JOANA» foi rejuvenescido e vai durante mais alguns anos dar-nos a alegria de fazer campanhas de pesca, mantendo as suas gloriosas tradições.

Fez a sua saída de Aveiro em 28 de Março, com destino aos frígidos pesqueiros da Terra Nova e Groenlândia, fazendo escala por Lisboa.

Que Santa Joana te acompanhe e te faça regressar breve «SANTA JOANA»!



d i a s l e i t e

noticiário

instantâneos pessoais

No dia 29 de Janeiro, a família do Capitão Adriano Nordeste foi enriquecida com o nascimento de uma menina, à qual foi dado o nome de Maria Adriana. Os nossos sinceros parabéns e os desejos de muitas felicidades para a pequerrucha.

Também o nosso colega Eng.º Armínio Maia e Moura viu aumentar a sua prole no dia 21 de Fevereiro, com o nascimento de um menino a que deram o nome de Paulo. Os nossos parabéns ao casal Maia e Moura, desejando todas as venturas para o petiz.

O nosso colega José Lino, que se encontrava em Luanda no serviço militar, foi há pouco transferido para Novo Redondo, onde se encontra actualmente de boa saúde.

Fizeram anos este mês: Olinda Rocha, em 16-3; Guilherme Barroso, em 19-3; José Rio de Freitas, em 23-3 e Donzília Domingues, em 26-3. Fazem anos dentro em breve: Maria da Conceição, em 9-4; Amílcar Matos, em 19-4; Eng.º Hernâni Salgueiro, em 6-5; João Azevedo, em 7-5 e Manuel Gamelas, em 11-5.

o nosso grupo

Recomeçaram as actividades desportivas do nosso grupo, tendo-se efectuado já vários treinos de voleibol. Parece-nos, contudo, que se deveria estudar a possibilidade de praticarmos também e principalmente o basquetebol, pois o número de antigos praticantes entre os empregados da E. P. A. é considerável, o que certamente faria aumentar o interesse.

aniversário

Passou no dia 16 deste mês mais um aniversário o Ex.º Senhor Egas Salgueiro. Registando com muito prazer a feliz data, apresentamos os nossos sinceros parabéns e desejamos a sua repetição por longos anos.

noticias da frota da E. P. A.

Entrou já em Aveiro o «Rio Águeda», de regresso da viagem a Angola, e depois de uma estadia de alguns dias em Vila Real de Santo António, onde foi descarregado o atum. Entretanto, o «Rio Vouga» encontra-se ainda naquela província ultramarina, procurando completar o seu carregamento.

O arrastão costeiro «Rio Caster» tem estado a pescar ao largo de Marrocos, onde já efectuou duas viagens, com animadores resultados. Em qualquer delas arribou a Agadir para abastecer, por intermédio da Societé Aveiro-Maroc.

flâmula

boletim do pessoal para o pessoal da
EMPRESA DE PESCA DE AVEIRO

redacção
administração

director
editor
redactor principal

propriedade

composição e impressão

n.º 2

março
1962

praça eng. José Frederico Ulrich
n.º 10 — aveiro

carlos grangeon ribeiro lopes
manuel da silva reis
carlos alberto da silva jerónimo

grupo recreativo do pessoal da
Empresa de Pesca de Aveiro

tipografia «a lusitânia» — aveiro

sumário

- ★ a natureza e a vida
eng. paulo seabra
- ★ falando sobre cinema
carlos jerónimo
- ★ lembrando um dos grandes pioneiros da E. P. A.
joaquim felix
- ★ confraternizando
para o seu descanso
- ★ beethoven e a 5.ª sinfonia
carlos jerónimo
- ★ cantinho da mulher
maria josé
- ★ prece ao ano novo
maria celeste
- ★ reminiscências de uma viagem macabra
manuel da silva reis
- ★ noticiário

mento das ruínas e decretara a pena de morte para aqueles que, servindo-se da ocasião, fossem encontrados a pilhar.

Foram salvas muitas pessoas que jaziam emparedadas no Hotel Saada, bem como noutras habitações.

Nós!... Nós é que não teríamos essa sorte, porque os dois quartos que o gerente da fábrica nos arranhou no Hotel Marhaba, foram precisamente os que desabaram, tendo a parte restante do edifício ficado quase intacta.

Fomos muito felizes no meio de toda a tragédia, pois até as nossas bagagens se salvaram totalmente.

No percurso de Agadir a Mogador, tive, então, ensejo de avaliar a periculosidade da estrada, que lembrava uma montanha russa!

Desfiladeiros constantes, curvas e mais curvas e o carro em que regressávamos a chiar. Chegámos a aventar que, escapados da tragédia de Agadir, não escaparíamos desta viagem. Porém, chamada a atenção do motorista, foi a marcha abrandada e lá nos tranquilizámos mais. Curvas e curvas, avistando-se aqui, treços da via por onde há instantes tínhamos passado, acolá, entre precipício medonho, o prosseguimento da estrada, para avistá-la novamente mais acima, num planalto.

E nos ravinas, «organiers» — árvores marroquinas das quais se extrai um óleo muito apreciado pelos árabes —, de cujos ramos pendiam cabras e carneiros, postando a verdejante folhagem.

Fez-se noite. Interrompemos a viagem em Sidi Smail para uma ligeira refeição. Retomada a viagem, chegámos a Casablanca à uma da madrugada.

Permanecemos nesta cidade até sexta-feira. Às quatro da tarde desse dia tomámos o avião e chegámos a Lisboa por volta das dezanove horas.

Éramos esperados, no aeroporto, pelo nosso Gerente-Delegado, Ex.mo Snr. Egas Salgueiro, cuja grata presença muito nos desvaneceu, a quem apresentámos os nossos cumprimentos e sinceros agradecimentos pelos cuidados e apreensões que tivera por nossa causa, quando teve conhecimento da catastrófica ocorrência. Éramos aguardados, também, por alguns jornalistas e repórteres da Rádio e Televisão que nos entrevistaram.

Dirigimo-nos, em seguida, para o Hotel Tivoli, onde jantámos na companhia amiga do nosso Gerente, do Ex.mo Snr. D. Diogo Passanha e da Esposa do Snr. Carlos Grangeon. Passada a noite no Tivoli, pudemos, enfim, chegar até junto das nossas famílias e amigos que nos esperavam ansiosamente.

E tudo passou, como um sonho mau, como um pesadelo daqueles que só se podem sentir uma vez na vida.

de Founti, [Quartier de Talbordj, Ville Nouvelle, Quartier Industriel e ainda o Quartier des Abatoirs.

Destes «quartiers», os que mais sofreram foram os de Founti, Talbordj e Nouvelle. Este último era o mais moderno, composto de prédios de vários andares e dos edifícios públicos. Sendo a população da cidade de cerca de 50.000 habitantes, sabe-se que o número de feridos foi de 2.500, e o dos sobreviventes de 20.000, portanto, os restantes, coitados, ali ficaram sepultados naquela linda cidade, que foi um dos paraísos turísticos de África.

Verdadeiramente pavoroso tudo aquilo!

Nessa mesma manhã de terça-feira, dia de Carnaval, conseguimos, por intermédio do Sr. Pires, telegrafar para as nossas famílias. Fomos hóspedes da família da nossa dactilógrafa, passámos a noite de terça para quarta-feira numa barraca de campismo, vimos bandos de abutres sobrevoarem a área da morte, aviões de todos os cantos do Mundo a aterrar e a descolar transportando muitos feridos e o tempo foi passando, sentindo-se de vez em quando ligeiros tremores sísmicos. Vimos os sobreviventes abandonar a cidade, transportando por todos os meios camas, cadeiras, roupas, etc.

Fomos testemunhas de cenas arrepiantes, ouvimos relatos conflagradores!

Era uma vez Agadir... Adeus, Agadir! Um prolongado e horrível pesadelo.

Até que, na quarta-feira, às 17,30 horas, a instâncias do gerente da fábrica e no seu automóvel, fizemos a viagem de regresso, conduzidos por um francês, muito ruivo, que é empregado da fábrica.

Ao atravessarmos aquilo que foi Agadir, vimos tropas marroquinas, francesas e americanas, bem como marinheiros franceses que ali tinham arribado em 18 vasos, que faziam o transporte dos cadáveres. Essas brigadas de salvamento traziam lenços a tapar a boca para não serem contaminadas de possíveis epidemias provocadas pela rápida decomposição dos cadáveres, quiçá acelerada pelo calor que se fazia sentir.

Presenciamos montões de mortos nos baldios da cidade, cobertos com lençóis ou outros farrapos, alguns até com esteiras. Entretanto, caterpillares gigantes iam abrindo valas de grande comprimento, que serviriam de sepultura àqueles milhares de vítimas.

Apesar de horripilados, tivemos ainda ânimo para tirar algumas fotografias, antes de sairmos da cidade.

No regresso, topámos com veículos, os mais diversos, uns conduzindo tropas, outros carregando gado cavalariço e lanigero para manutenção dos salvadores. O governo marroquino mobilizara todos os engenhos agrícolas e de construção, para proceder ao arraza-

prosseguindo...

Um ano decorrido sobre o aparecimento de «RUMO», incipiente boletim do pessoal para o pessoal da Empresa de Pesca de Aveiro, apresentamos com grande satisfação o segundo número do seu sucessor, «FLÂMULA», que se espera seja o segundo de uma longa série a aparecer trimestralmente, cada vez com mais interesse, mais utilidade e cumprindo melhor os seus propósitos.

O primeiro número de «FLÂMULA», apesar das deficiências e lacunas involuntárias resultantes da nossa pouca experiência e de que sinceramente nos penitenciamos, foi recebido com simpatia e supomos que cumpriu, embora modestamente, a sua finalidade.

Este facto animou-nos a prosseguir, o que fazemos com o desejo de servir da melhor forma que nos for possível a finalidade que nos propusemos.

Desejando valorizar o nosso boletim com artigos técnicos de grande actualidade e interesse, conseguimos de Éditions Hommes et Techniques e de Les Éditions de l'Entreprise Moderne autorização gentilíssima e preciosa para transcrevermos, devidamente traduzidos, artigos das suas magníficas revistas técnicas «Hommes et Techniques», «Secretaires d' Aujourd' hui» e «Travail et Maîtrise», que se começarão a publicar no próximo número.

Resta-nos afirmar que o desejo de cumprir é grande. Oxalá que o presente número tenha já menos falhas que o anterior e mereça dos seus leitores a mesma benevolência e simpatia.

a natureza e a vida

pele eng.º paulo seabra

É nosso intuito tratar nesta secção alguns dos muitos assuntos físico-químico-biológicos que tanto despertam a curiosidade humana, aliás, bem compreensível, de tal modo tem sido espantosa a evolução das ciências.

Quem deixou de fazer a si mesmo estas perguntas: o que é o átomo? que se entende por radioatividade? o que é a bomba atómica? que significa a relatividade? como se realizam os telecommandos? como respiram as plantas? o que é a célula? etc., etc..

Onde quer que viva o homem, qualquer que seja a sua profissão, grau de cultura e nível de conhecimentos, é hoje arrastado pela transformação vertiginosa

porque está passando o mundo. Ninguém pode alhear-se, mesmo os que por indole ou convicções queiram afastar-se dos acontecimentos, do processo evolutivo que em cada minuto está mudando a face da terra e que conduz a humanidade para destinos considerados utópicos há uns anos atrás.

Todos nós gostaríamos, por certo, de estar bem informados dos últimos progressos das mais recentes investigações. Porém, a maior parte das pessoas, no número das quais nos incluímos, tem apenas uma ideia bastante vaga dos grandes problemas actuais, pois que os conhecimentos adquiridos na imprensa diária ou nas publicações não especializadas são quase sempre incompletos, por sumários, ou algo fantasistas. Por outro lado, podem contar-se aqueles que efectivamente se interessam pelos temas de divulgação científica, mais por apatia intelectual do que propriamente por falta do desejo em querer instruir-se e abarcar novos conhecimentos.

O que de facto se torna imprescindível é que haja o interesse do leitor. Sem ele nada é possível. Existindo o interesse, nasce a vontade de progredir e de aperfeiçoamento. Se não existir o interesse ou se estiver ador-

Não quisemos ver mais nada e resolvemos regressar à fábrica e passar o resto da noite dentro do automóvel, único local seguro, pois, como é de calcular, as casas que ficaram de pé não nos ofereciam a mínima confiança. Não conseguimos pregar olho. Os nossos sentidos estavam de tal forma excitados que desapareceu completamente todo o cansaço da longa viagem que fizemos.

Pelas 4 da manhã, depois de escutarmos no receptor do carro a estação de Rabat, que apenas transmitia as cerimónias do «Ramadan», decidimos averiguar o que teria acontecido à dactilógrafa da fábrica. Saímos da cidade destruída e, nas estradas, circulavam já inúmeros automóveis, alguns dos quais com as forças da guarnição da base aero-naval francesa a prestar os primeiros socorros às vítimas.

Chegámos à casa da dactilógrafa, a 8 quilómetros de Agadir e deparámos com ela e toda a família, no pátio, para onde tinham trazido bancos e cadeiras, bebidas, alimentos, etc. O terramoto, naquele local, não fora tão violento e por isso o prédio desta família nada tinha sofrido.

A base aero-naval francesa, não muito longe dali, também nada sofreu, e à sua organização rápida e eficiente deve Agadir o salvamento de muitos feridos.

Visitámos, ainda, de madrugada, outras famílias que, felizmente, estavam sãs e salvas.

Pelo que tínhamos visto anteriormente, calculávamos fosse de algumas centenas o número de vítimas, mas, voltando a Agadir assim que o Sol rompeu, logo esse cálculo aumentou para alguns milhares, em face dos bairros mais populosos da cidade terem ficado completamente arrasados. Agadir, cuja área é um pouco superior à da cidade de Aveiro, compreende vários bairros, a saber: Quartier

Efeitos do terramoto, vendo-se, aparentemente intacto, o edifício do B. C. M.



cortinou-se-me uma gama de tal frequência que os pormenores mais insignificantes da minha vida avivavam-se extraordinariamente, percebendo-se neles, com toda a nitidez, vários factos, tal qual se passaram há 30, 25, 10 anos!...

A nossa boa estrela, porém, ou melhor, a nossa salvação, foi o prédio não desabar, embora ficasse totalmente contundido. Cá fora e passado que foi este angustiante lapso de tempo, inda sentíamos a terra a tremer sob os nossos pés, agora mais ligeiramente, assim como percebíamos ainda, embora mais atenuados, os rumores subterrâneos.

Logo que nos vimos livres de perigo, metemo-nos todos no carro do gerente da fábrica, que nos conduziu até junto das casas de pessoas amigas. Só aí, em face da trágica realidade, melhor demos conta da extensão do desastre. De uma dessas casas, género «cottage», com os seus jardinzinhos muito bem tratados, vinham a sair precipitadamente os seus moradores, uns em pijama, outros quase nus, ensanguentados, enquanto que os edificios apresentavam brechas, com as paredes retalhadas, prestes a desmoronarem.

Apressadamente, as pessoas salvas iam trazendo para fora os seus automóveis e deles se serviam para fugir ou passar a noite. A atmosfera em Agadir, muito amena, noite sem nuvens, cheia de estrelas, lembrava-nos as noites de Verão em Portugal. Os faróis do nosso carro, por entre a escuridão, iam iluminando o aspecto desolador daquele macabro cenário.

O nosso colega de Agadir clamou, numa outra casa, pelos seus amigos, mas estes como poderiam responder se a casa tinha ruído? Lá se encontravam os infelizes, por baixo de montes de cimento, ferro torcido e calíça. As ruas, por sinal muito largas e bem pavimentadas, tinham espaço suficiente para nelas se transitar, mas sempre pelo meio, não fosse sermos apanhados por alguma daquelas moles de cimento, que ameaçavam cair a todo o instante.

Ao longe, dois prédios apresentavam focos de incêndio, aqui a estrada quase obstruída de calíça e impregnada de poeira dos desmoronamentos. Mais adiante, a Igreja Católica desabada; noutro ponto, o hotel Saada, antes com os seus sumptuosos três andares, rodeados por artísticas varandas, não passava agora de um montão grotesco reduzido a três ou quatro metros de altura.

Outra rua com as condutas de água rebentadas, completamente inundada.

Vários automóveis, imponentes pouco antes, agora encravados ou inutilizados pelos escombros dos prédios. Algumas pessoas que conseguiram salvar-se, «in-extremis», de pijama ou semi-nuas, contemplavam petrificadas, mudas de assombro, aquela devastação horrenda.

mecido, então é necessário suscitá-lo ou despertá-lo.

Ficaremos imensamente satisfeitos se conseguirmos suscitar o interesse do leitor para os assuntos que nos propusemos apresentar, já que não têm um carácter de ficção — esta tão do agrado, porventura, da grande maioria — e portanto presumível causa de indiferença.

Estamos em crer, outrossim, que a indiferença que apontamos é apenas aparente.

Para tranquilidade de quem terá o incómodo de nos acompanhar na leitura, diremos que vamos procurar usar uma linguagem acessível a todos, evitando tanto quanto possível empregar termos especializados que dificultem a compreensão da matéria.

O nosso objectivo final é, sem qualquer pretensiosismo, lembrar um certo número de conhecimentos básicos que nos permitam melhor compreender o mundo que nos rodeia.

1 — A constituição da matéria.

Para podermos inteirar-nos dos fenómenos que se passam à nossa volta, é fundamental termos uma noção exacta do constituinte dos corpos que os nossos sentidos nos permitem aperceber — a matéria.

Há imensas substâncias diferentes e portanto diferentes qualidades de matéria.

Consideremos um fragmento de pedra branca usada vulgarmente no calçetamento dos passeios. É constituída no estado puro por carbonato de cálcio. Suponhamos que dividimos este fragmento em dois e, se continuarmos a subdivisão até onde a técnica permita, obtemos um elevadíssimo número de fragmentos que formarão um pó impalpável. Cada grânulo de pó terá ainda as mesmas propriedades que o fragmento primitivo. Imaginando a divisão sucessiva para além do limite das possibilidades técnicas, atingir-se-ia um momento em que os diferentes grânulos teriam ainda as mesmas propriedades do corpo inicial, porém, em seguida, uma nova subdivisão originaria corpos com propriedades diferentes entre si e das do corpo primitivo. Quer



fig. 1 — Modelos de átomos de carbono, oxigênio e hidrogênio, representados cerca de 200 milhões de vezes maiores do que o seu tamanho real.

dizer, para cada substância existe uma porção mínima que tem todas as suas propriedades e que uma vez fragmentada resulta em substâncias diferentes da substância inicial.

Chegámos então a um importante conceito da constituição da matéria que convem desde já fixar: «A porção mínima de uma substância que tem todas as suas propriedades chama-se MOLÉCULA».

Todos os corpos são formados por um conjunto de moléculas separadas umas das outras por espaços — os espaços intermoleculares — que são extraordinariamente pequenos, mas maiores do que as moléculas.

As moléculas têm dimensões pequeníssimas: num fragmento de carbonato de cálcio com o peso de 100 gramas, o número de molé-

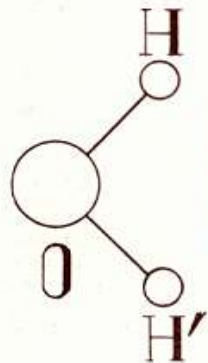


fig. 2 — A molécula da água é formada por um átomo de oxigênio, O, e dois átomos de hidrogênio, H e H'

culas é representado aproximadamente por um número formado pelo algarismo 6 seguido de vinte e três zeros.

Dada a composição molecular dos corpos e a impossibilidade da sua divisão ilimitada, corresponde a admitir a **DESCONTINUIDADE DA MATÉRIA**.

Qualquer corpo, por mais compacto que se nos afigure, é aparentemente contínuo, porque os espaços intermoleculares são muito pequenos; na realidade, só uma pequena fracção do volume de um corpo é ocupado por matéria.

Deitemos um pouco de açúcar num copo com água: o açúcar mistura-se na água e ficam tão intimamente misturados que, por mais diminuta que seja a porção, esta contem sempre ambas as substâncias. Se a água fosse uma substância contínua sem espaços livres intermédios, sem interstícios, como poderia penetrar nela o açúcar?

Este princípio da descontinuidade da matéria applica-se a todos os corpos, quer sejam sólidos, líquidos ou gasosos.

Elementos e Compostos. O Átomo.

Consideremos de novo um fragmento de carbonato de cálcio e aqueçamo-lo num

viagem. Em seguida, seriam vinte e três horas e quarenta, o gerente da fábrica mandou acender a luz para correr a máquina com novos diapositivos quando, súbitamente, a luz se apagou e apercebemo-nos dum ronco medonho vindo das profundidades, a terra a tremer dum modo violentissimo, à laia de «peneira», em sentido horizontal, ao mesmo tempo que ouviamos as paredes a ranger, as louças e outros objectos a cair, tudo isto acompanhado dum sussurro tremendissimo.

Dir-se-ia que enorme e hercúleo gigante, qual mitológico «Atlante», se entretinha a oscilar o Globo em todos os sentidos e que nós éramos joguetes de forças sobrenaturais e estranhas que nos impeliavam a seu bel-prazer.

Unicamente indescritível tudo aquilo! — às 11,40 da noite de 29 de Fevereiro...

Logo que isto se deu, agarrei-me a uma das pernas do Sr. Carlos Grangeon e o gerente da fábrica agarrou-se-me às espáduas com tal violência que, quando saímos da vivenda pela porta mais próxima, sentia dores atrozes nos costos.

Foram quinze segundos infernais. Estes quinze segundos pareceram-me séculos e estávamos sempre a pensar quando éramos esmagados por alguma parede ou pelo teto da casa, constituído todo ele por uma placa de cimento armado.

Mil recordações me afloraram à mente: a família e, principalmente, o meu filhinho mais novo; até reminiscências do meu tempo de criança. Parece impossível que o cérebro faça brotar instantaneamente tantas lembranças! Durante esses quinze segundos, des-

Aspecto da tenda onde passámos a noite de terça para quarta-feira



reminiscências de uma viagem macabra

notas de viagem por
manuel da silva reis 2

(continuação do número anterior)

Dirigimo-nos para a fábrica, onde éramos aguardados pelo nosso amigo o Sr. Silva. Depois dos cumprimentos e abraços da proxe, jantámos juntos na vivenda da mesma fábrica.

A viagem, como foi longa, maçou-nos muito e o nosso desejo era repousar. Para esse efeito, o Sr. Silva já nos tinha arranjado acomodações no Hotel Marhaba, de Agadir. Depois de comermos e tomarmos um cházinho mouro confeccionado pelo cozinheiro árabe Omar, que muito gosou com a nossa apreciação pela aromática bebida, o gerente da fábrica manifestou desejos de nos mostrar uns diapositivos com vistas de Marrocos.

Embora fatigados, acedemos ao convite, ali ficando a admirar as diferentes paisagens que iam sendo focadas no pano previamente colocado para esse fim. Falavam-se e projectavam-se alguns passeios que daríamos nos dias seguintes para apreciar essas vistas ao natural, mas, devo confessar que, nesses momentos, sentia uma preocupação muito vaga, uma ansiedade estranha, qualquer coisa que me segredava que não chegaria a ver nada daquilo.

Tudo para mim se afigurava fantástico, dando a impressão de que algo iria acontecer. E tonto assim que me levantei do «maple» onde me encontrava e pus-me de pé, atrás do Sr. Carlos Grangeon, como que a afastar-me não sei bem de quê. Seria isto indício de qualquer percepção intuitiva?

Ora, se o meu estranho pressentimento me fizesse lembrar o pormenor que nos fora relatado à tarde, quando do telefonema do Sr. Grangeon, talvez que saísse da vivenda. A angústia que me opprimia era indecifrável e eu atribuí-a a cansaço provocado pela

forno. Verifica-se que o carbonato de cálcio se decompõe em duas substâncias diferentes: um gás — o anidrido carbónico — e um residuo sólido — o óxido de cálcio (vulgarmente chamado cal viva). Por sua vez, o anidrido carbónico pode ser decomposto em oxigénio e carbono, e o óxido de cálcio em oxigénio e cálcio. Citemos outro exemplo: se fizermos passar uma corrente eléctrica através de uma solução de cloreto de sódio (o sal das cozinhas), obtemos um gás — o cloro — e um metal — o sódio.

Quer dizer, é possível por meio de um agente adequado decompor um composto (carbonato de cálcio, cloreto de sódio, água, etc., etc.) em

duas ou mais substâncias diferentes.

As substâncias, tais como o carbonato de cálcio, óxido de cálcio, anidrido carbónico, cloreto de sódio, etc., das quais é possível, por meio de um agente apropriado (calor, electricidade, etc.), extrair duas ou mais substâncias diferentes, chamam-se **SUBSTÂNCIAS COMPOSTAS** ou mais simplesmente **COMPOSTOS**.

Há, porém, substâncias das quais não é possível extrair outras substâncias. Estão neste caso o ferro, o cálcio, o carbono, o sódio, o oxigénio, o cloro, etc., pois que nenhum agente é capaz de decompô-los noutras substâncias; permanecem inalteráveis, indestrutíveis.

Tais substâncias receberam o nome de **SUBSTÂNCIAS SIMPLES OU ELEMENTOS**.

Como já referimos atrás, a molécula de uma substância tem todas as propriedades desta. No caso de um composto, a molécula terá a mesma composição deste, isto é, conterá os diferentes elementos que entram na sua constituição. A molécula de um composto é, pois, complexa, formada por partículas menores correspondentes aos diferentes elementos. Na

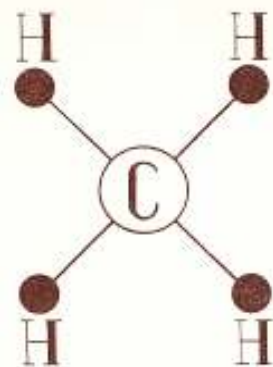


fig. 3 — A molécula do metano tem um átomo de carbono, C, e quatro átomos de hidrogénio, H

continua na página vinte e quatro

falando sobre cinema

por carlos jerónimo

Ao relemos há dias certo livro consagrado aos problemas cinematográficos, deparou-se-nos um pequeno artigo de Frank Capra, do qual nos chamou particularmente a atenção a seguinte passagem:

«Um bom filme pode «fazer» uma estrela, mas uma estrela não pode nunca salvar um filme mau. Na minha opinião, a estrela é a consequência natural dos esforços combinados de todas as células dos estúdios, que contribuem para conseguir um bom filme. Se o assunto, a realização, a produção e os mil outros factores que entram na fabricação do filme são bons, o ou a principal intérprete tem as maiores possibilidades de atingir a celebridade, desde que, naturalmente, ela ou ele seja a personagem do seu papel».

Esta opinião do conceituado realizador americano trouxe-nos à ideia a permanente actualidade do problema do vedetismo no cinema, com todo o seu rosário de grandes vedetas que, realmente, nunca conseguem acrescentar a nenhum filme mais do que um aumento mais ou menos

substancial do número de espectadores.

O culto do vedetismo pelos espectadores de cinema sugere imediatamente um desconhecimento quase total da técnica cinematográfica.

Dirigente vários anos do C. C. A., pude verificar a improficuidade dos esforços feitos para elevar o nível cinematográfico dos seus sócios. Só uma minoria muito reduzida acompanhou a nossa actividade nesse capítulo, criando a pouco e pouco uma mentalidade de cine-clubista, que lhes permite uma apreciação conhecedora dos filmes que têm oportunidade de ver.

Causa-nos pena ouvir tantas vezes, e quantas até em pessoas com certas responsabilidades culturais, esta afirmação: «O filme X deve ser bom, porque é com o actor Y e ele só tem filmes bons».

Isto revela um olheamento incompreensível do conhecimento dos mais

de carvão), que é o hidrocarboneto mais simples, formado por um átomo de carbono C e quatro átomos de hidrogénio H.

Ainda que o exposto seja um pouco compacto, digamos, sem grandes motivos

de atractivo, encerra todavia as bases dos estudos subsequentes e importa, por conseguinte, que seja apreendido e fixado.

A seguir: **Estrutura do átomo.**

a história da E. P. A.

Devido ao relevo que quisemos dar à reportagem do jantar de confraternização, não podemos iniciar neste número a publicação da história da E. P. A., como estava anunciado. Esperamos poder fazê-lo no próximo número.

Você é bom empregado?

Soluções da página dezanove

35 ou mais pontos na coluna «Sim»:—E, sem dúvida, um ótimo empregado. Sente-se perfeitamente à vontade no emprego e junto dos seus superiores e não se perturba com contrariedades eventuais. No fundo preocupa-se mais com o trabalho do que com as suas alegrias e tristezas. Deixe correr as ideias, porque serão reconhecidas mais cedo ou mais tarde.

20 a 34 pontos na coluna «Sim» e 8 na «As vezes»:— Talvez haja ocasiões em que se sinta desanimado ou de mau humor, mas no fundo é estimulado pelos seus chefes. Conserve a calma e não esconda a sua imaginação e energia.

15 ou menos pontos na coluna «Sim» e o resto em «As vezes»:— Vacila ao vento dos seus capri-

chos. O seu patrão nunca sabe o que você vale e, por isso, não o procurará para a chefia de que realmente seria capaz. Tome posição firme sobre os assuntos, mas tenha a certeza de poder justificá-la sempre com dois argumentos razoáveis.

15 ou menos pontos na coluna «Sim» e o resto «As vezes» ou «Não»:— Pelas suas respostas, parece que precisa de procurar um emprego que interesse mais e ao qual se adapte melhor... ou então examine-se com cuidado. No campo do trabalho, os dias da escravatura acabaram, e você ficará surpreendido e satisfeito quando vir adoptar uma das suas ideias para melhorar o trabalho.

Desembuche... e boa sorte!

a natureza e a vida

continuação da página sete

molécula pode haver mais de uma partícula de um dado elemento, mas terá de haver pelo menos uma de cada um dos elementos que entram no composto. Assim, a molécula do anidrido carbónico contém uma partícula de carbono e duas partículas de oxigénio.

A menor porção de um dado elemento que pode entrar na molécula de um composto chama-se ATOMO desse elemento. Deste modo, a molécula do anidrido carbónico é constituída por um átomo de carbono e dois átomos de oxigénio. A molécula de um elemento só contém esse elemento e é constituída por um, dois ou mais átomos desse elemento.

Por exemplo, o gás néon (empregado em algumas lâmpadas eléctricas) tem a sua molécula constituída por um só átomo e diz-se que é um elemento monoatómico. O oxigénio, o hidrogénio, etc., têm as moléculas constituídas por dois átomos, evidentemente iguais. Portanto, a menor porção de oxigénio que tem todas as suas pro-

priedades é um agregado de dois átomos de oxigénio.

Ao número de átomos que constitui a molécula de um elemento chama-se ATOMICIDADE desse elemento.

Para termos uma noção mais aproximada da grandeza das partículas que formam a matéria, representamos na fig. 1 modelos de átomos de carbono, oxigénio e hidrogénio, aumentados cerca de 200 milhões de vezes.

Na fig. 2, representa-se a molécula da água, formada por um átomo de oxigénio e dois átomos de hidrogénio.

Quantas moléculas existem num centímetro cúbico de água? O seu número é tão grande que parece inacreditável: 3×10^{22} , ou seja, num cubo cuja aresta tenha um micron de comprimento (um micron é igual a um milésimo de milímetro), há trinta mil milhões de moléculas!

Na fig. 3 vai indicada a composição da molécula do metano (o mais importante constituinte dos gases naturais das emanações de terrenos petrolíferos e das minas

elementares rudimentos da arte cinematográfica. Um filme nunca pode ser bom ou mau apenas por que nele toma parte este ou aquele artista. O filme é feito com esse actor e não por ele.

Pela teoria desses espectadores, o mérito da «Gioconda», por exemplo, não deveria pertencer a Da Vinci, mas sim ao seu modelo. A expressão, aquele sorriso indecifrável que tantos adjetivos tem merecido, pertence a este e o pintor ter-se-ia limitado unicamente a fixá-lo. Ora toda a gente sabe que esta ideia seria um disparate.

Porque não havemos, pois, de reconhecer também que o mérito do actor no cinema é relativo, visto que se limita a expressar para a câmara a ideia do realizador e que terá de sequenciar tantas vezes um plano até que o consiga? Porque não havemos de dispensar mais atenção ao nome que discretamente aparece no écran e que é, afinal, o do responsável por tudo que de mau ou de bom vamos ver? Teria o «Ladrões de Bicicletas» obtido a repercussão que alcançou devido a ter sido desempenhado por artistas que aí deram o seu primeiro passo perante as câmaras ou porque foi realizado por De Sica? Alcançaria o

mesmo sucesso extraordinário o «Psico», de Hitchcock, se não fosse dirigido por este realizador? Ou suscitaria a mesma celeuma «A Morte de um Ciclista» se em vez de Juan António Bardem tivesse sido seu realizador um desses directores inconcebíveis que pululam no cinema português?

Julgamos que a resposta é dada logo que se põe a pergunta. Mas apesar disso, este problema continua a ser, no capítulo de educação cinematográfica do nosso público, um dos mais instantes e merecedores de atenção.

Esperamos que os Cine-Clubes possam obter a solução deste problema, se forem devidamente acarinhados e definitivamente compreendidos a sua missão.

Uma cena do filme «Ladrões de Bicicletas», de Vittorio de Sica, com a descoberta de uma nova fonte dramática: a perda do instrumento de trabalho.



lembrando

um dos grandes pioneiros da E. P. A.

«Capitão Xico», era assim que todos nós o chamávamos.

Conhecêmo-lo quando das suas primeiras viagens no arrastão «Santa Joana». A sua primeira viagem, sob a flâmula da E. P. A., foi feita em 1935, no lugre «Santa Joana», que veio a naufragar em 12 de Julho do mesmo ano. Fez, depois, duas viagens no lugre «Santa Isabel», em 1936 e 1937, iniciando, em 1938, a primeira viagem de arrasto, no «Santa Joana», onde se conservou até 1946.

Por coincidência, são chegadas precisamente nesta data as bodas de prata do velho «Santa Joana», com o seu historial de trabalho intenso, e com o seu coração velhinho — o seu primitivo motor —, que está sendo substituído por um novo que o rejuvenescerá, tornando o apto a novas fainas. Fazemos votos para que a nova era deste navio obtenha

a sua plenitude, pois a ele se deve, em grande parte, o engrandecimento e a projecção que hoje tem a Empresa que servimos.

Na segunda viagem de 1946, o «Capitão Xico» ficou em terra para prestar assistência à construção do «São Gonçalongo». Só mais tarde, em 1948, é que comandou este navio.

Foi também ele que, em 1947, foi buscar a Inglaterra os caça-submarinos «Killdary» e «Killmalcolm» que, depois de transformados em atuneiros com os nomes de «Rio Vouga» e «Rio A'gueda», viriam aumentar e enriquecer a frota da E. P. A., com esta nova modalidade de pesca.

No mar, pelas versões que por vezes contavam, o «Capitão Xico» era

O lugre «Santa Joana», onde embarcou pela primeira vez, ao serviço da EPA, o Capitão Francisco dos Santos Calão.

pastéis de chocolate
125 grs. de chocolate em pó; 125 grs. de miolo de amêndoa; 125 grs. de açúcar; 5 claras de ovos.

Junta-se o chocolate, com a amêndoa pisada, o açúcar e as claras batidas em castelo bem firme e mexe-se bem.

Vai ao forno em formas pequenas, untadas com manteiga. Não quer forno muito quente.

curiosidades

* Nunca vá a um cabeleireiro desconhecido para mudar de penteado. O cabeleireiro que já conhece o seu cabelo e o formato do seu rosto poderá aconselhá-la qual o género de penteado que melhor lhe assentará.

* Quando fizer «suspiros» crescente, antes de bater as claras, 1/2 colher de chá de fermento em pó por cada clara. Verá como ficarão maiores e com a crosta mais macia.

* As manchas de tinta tiram-se com uma mistura de leite com sumo de limão.

12
prece
Mais um ano que acaba de partir,
Folha morta que o tempo derrubou;
Mais um ano que acaba de ruir,
Mágoa que foi, Saudade que ficou!

Mais um ano que vem, prece a sorrir,
Pela estrada que o outro já pisou;
Mistério a despontar, a ressurgir,
Entre as sombras do ano que passou!

ano
Ano que vem nas brumas da incerteza,
Bemdito sejas tu pela grandeza
Dum sonho que tão alto me conduz!

Veja ou não satisfeito o meu desejo,
Bemdito pela esperança que antevejo,
Qual flor a abrir-se em pétolas de luz!

maria celeste

a vida no lar

O lar familiar é um organismo no seio do qual nascemos, crescemos e morremos.

O equilíbrio da Família deve ser estabelecido pela perfeita união e compreensão de ambos os cônjuges.

Se existem arestas nos seus temperamentos, compete à mulher a parte maior neste necessário trabalho de adaptação, pois o homem gasta grande parte das energias no seu trabalho quotidiano.

Compete, pois, à mulher recebê-lo com um sorriso, aplanar qualquer tormenta e jamais esquecer que a boa educação é a chave de ouro que abre todas as portas.

E quando no lar existem crianças? O exemplo dos pais é a sua melhor lição para uma perfeita educação. Nada de discussões, de cenas desagradáveis e tristes.

Que a criança nunca se veja obrigada a escolher entre as opiniões do Pai ou da Mãe.

Para que a harmonia e a inteligente compreensão reine em toda a família, é indispensável que a Mãe e o Pai sejam absolutamente unidos. E assim, a felicidade continuará...

culinária

bacalhau com presunto

É preciso bacalhau grosso e bem demolhado. Abrem-se as postas, tiram-se-lhes as peles e recheiam-se com tiras de presunto.

Recheadas as postas, cobrem-se com puré de batata e põe-se-lhes em cima as peles pregadas com palitos. Põem-se num tabuleiro e deita-se-lhes por cima vinho branco, rodela de cebola, azeite, sal e manteiga. Este molho ferve durante 10 minutos e engrossa-se depois com farinha desfeita em água fria ou caldo de carne.

Enfeita-se o bacalhau, depois de saído do forno, com ovos cozidos, cortados miúdos ou às rodela, juntamente com salsa picada.

cantinho da mulher

coordenação de maria josé

- vida no lar
- culinária
- curiosidades
- poesia

rude na labuta da pesca, e, quando as coisas no convés não corriam de feição, a sua voz patente era como um incentivo para aqueles que, pela primeira vez, embarcavam como «verdes» ou «moços».

Muitas vezes — diziam eles — o tamanca do «Capitão Xico» era a sua arma de ameaça, para que se maneassem a lançar as redes ou a escalar o peixe. Depois de carregado o navio e chegados a terra, todos então compreendiam que os ralhos do capitão tinham sido para bem do interesse de todos. Em terra eram todos bons amigos, esquecendo o que se tinha passado a bordo.

O nosso Amigo e Saudoso «Capitão Xico» já não pertence ao número dos vivos. Já não ouve o marulhar das ondas desse mar a quem deu quase toda a sua energia. Também já não sente a borrasca dos temporais, o sabor da brisa bonançosa, nem o piar constante das gaivotas em redor do seu navio.

Repousa agora, deixando àqueles que o conheceram e com ele lidaram, a saudade da figura e da sua bondade.

Foi nesta luta pelo mar e num enorme desejo de bem cumprir e honrar a bandeira da E. P. A. que, em Abril de 1953, foi vítima de um acidente a bordo, que originou o seu internamento no hospital de St. John's. Sofreu a amputação da perna direita, sendo substituído por seu filho, o Capitão David Manuel M. Colão.

Abraçámo-lo então, quando da sua chegada e vimos que já não era ele, aquele «Capitão Xico» que conhecemos, pois alquebrado e desanimado com o que lhe sucedeu, ficou sempre pensando naquilo que tanto ambicionava: continuar a servir a E. P. A. em terra. Atinal, como ironia do destino, os seus derradeiros dias foram de pungente saudade, de involidez e de falta de vista.

Estamos convencidos de que o seu sacrifício foi longe em demasia. Os seus sucessores podem orgulhar-se do pai que tiveram e continuar o seu nome no trabalho e na pesca.

Para aqueles que o conheceram de perto e dele foram amigos, pedimos que recordem o seu nome com saudade. Para os novos que não chegaram a conhecê-lo, respeitem simplesmente o nome da pessoa modesta e trabalhadora que foi FRANCISCO DOS SANTOS CALÃO.

j o a q u i m f é l i x

confraternizando...

COMO tínhamos anunciado, realizou-se no mês de Janeiro, mais precisamente no dia 27, o segundo jantar de confraternização do pessoal da E. P. A., que teve lugar no Salão de Festas da Fábrica Aleluia, muito gentilmente cedido para o efeito.

Creemos não estar sob a influência de qualquer saudosismo ao afirmar que este jantar não teve a alegria e a animação do que se realizou em Abril de 1961. Muito mais gente, como prevíamos, mas notando-se a falta desse entusiasmo, dessa vibração e espontaneidade que tanto brilho emprestou à reunião do ano passado.

Não queremos dizer, evidentemente, que não houve animação neste jantar. Afinal, ela estava patente aos olhos de todos os presentes. Apenas pretendemos salientar que entre os dois jantares já organizados se verifica superioridade do primeiro em relação ao aspecto que estamos focando.

Para nós, entre outras razões que não interessará aprofundar, parecem-nos que um dos motivos que mais contribuiu para tal foi a falta daquela confraternização que houve no ano passado antes do jantar. A caravana de automóveis até à Curia, a permanência no seu aprazível Parque, fazendo horas para o jantar, contribuíram decisivamente, sem dúvida, para

o ambiente eufórico que se registou durante e após o repasto, e que se prolongou até madrugada, com um entusiasmo que nem a mudança de sala a que fomos forçados conseguiu arrefecer.

Agora, desta vez, a reunião fez-se praticamente à mesa do banquete, e aí residiu, estamos certos, uma das principais razões da inferior animação.

No futuro, esperamos que este óbice poderá ser torneado, de forma a que estes jantares progridam cada vez mais, não só em número de convivas, mas também, e principalmente, no ambiente de confraternização, que é o principal objectivo dessas reuniões.

notas da reportagem do jantar de confraternização do pessoal da Empresa de Pesca de Aveiro

mensagem de fraternidade aos homens, as suas composições elevar-se-ão, imortalizadas, até Deus. São dessa altura as suas afirmações de que «Só a arte me susteve... esvaziei a taça de amargo sofrimento... este transformar-se-á em beleza dentro da minha alma», «Devo-o a mim próprio, ao género humano e ao Todo Poderoso... preciso de escrever a minha música, para a Glória Eterna de Deus».

O génio de Beethoven começa então a atingir plena maturidade e come-

çam a aparecer as suas célebres sinfonias: 3.ª, 4.ª e 5.ª.

Nesta última, Beethoven parece estabelecer um Novo Testamento da religião da música — a história da luta do Homem contra o Destino e da vitória do homem guiado pelo céu. É o poema épico da peregrinação do Homem, do sofrimento para a sabedoria, da sabedoria para a coragem, da coragem para a esperança e desta para a vida eterna, em resumo, a própria história de Beethoven em todas as fases que o seu espírito genial atravessou.

Alguém disse em tempos e lugares: «Deus criou o mundo para que fosse possível ouvir a 5.ª sinfonia».

Bibliografia consultada: «A Vida de Grandes Compositores».



Dá-nos hoje a honra da sua colaboração a Ex.ma Senhora D. Maria Celeste Salgueiro, através dum soneto intitulado «PRECE AO ANO NOVO». Ao assinalarmos o facto, queremos significar os nossos agradecimentos pela atenção.

Beethoven e a 5.^a sinfonia

artigo de
carlos jerónimo

DE todas as sinfonias de Beethoven e muito embora a 3.^a (Heróica), a 6.^a (Pastoral) e a 9.^a (Coral) ocupem lugar destacado na obra do grande compositor, é indubitável que foi a 5.^a sinfonia a que atingiu maior notoriedade, alcançando uma popularidade assinalável e pouco vulgar entre composições iminentemente clássicas, como são as de Beethoven.

Beethoven foi, desde o início da sua revelação como grande compositor, um revoltado contra tudo e todos. Deus não foi tão pródigo em dotá-lo fisicamente como foi em lhe conceder um génio extraordinário e uma alma de artista imortal. O seu desprezo pelos seus semelhantes era tão grande, que são inúmeros os episódios narrados sobre a sua intransigência em curvar cerviz perante qualquer individualidade. São dele as seguintes frases, que expressam de forma categórica o seu sentir para com o mundo: «A felicidade não foi feita para mim, ou melhor, não fui feito para a felicidade»; «Não vim ao mundo para levar uma vida agradável, mas para realizar uma grande obra».

Quando a certa altura os críticos caíam impietosamente sobre ele, pela revolução que estava introduzindo nos

velhos cânones da música, afirmou: «De facto, eles estão pasmados e conspiram, porque nunca encontraram o que faço em nenhum livro de baixo contínuo»; e pouco depois, quando o censuravam por em algumas passagens ultrapassar a capacidade dos instrumentos, retorquiu: «Acreditarão acaso que posso pensar num miserável violino, quando converso com o espírito?».

Porém, a época mais magnífica da vida de Beethoven é aquela em que a surdez mais se acentua, fazendo-o descreer de tudo, inclusivé da sua própria arte, e levando-o até a encarar a morte de forma inquietante. E' então que parece rasgar-se ante os seus olhos um caminho luminoso, cheio de esperança e de fé em Deus.

E Beethoven decide passar a viver como um eremita. A sua vida é a música. Sim, ele continuará a compor, a sua música transmitirá uma

A exemplo do que se registou no ano transacto, esteve presente no jantar o Gerente-Delegado da E. P. A., sr. Egas da Silva Salgueiro e sua Ex.^{ma} Esposa, dando-nos também a honra da sua presença os Membros dos Conselhos de Gerência e Fiscal, srs. Alfredo Esteves, D. Diogo Passanha, Pedro Grangeon Ribeiro Lopes e D. Luís Passanha, especialmente convidados pelo nosso Grupo, os quais se fizeram acompanhar de suas Ex.^{mas} Esposas, à excepção do sr. Alfredo Esteves, por motivos de saúde.

De salientar a amável anuência ao nosso convite dos srs. D. Diogo Passanha e D. Luís Passanha, que se deslocaram, respectivamente, de Lisboa e de Ferreira do Alentejo para nos darem a honra e o prazer da sua companhia.

O jantar iniciou-se precisamente às 20.30 horas, tendo a sala começado a registar imediatamente grande animação, especialmente em determinado sector, onde a alegria era esfusante e contagiante.

Escutaram-se algumas gravações de música ligeira sinfónica durante o repasto, até que o nosso Director se levantou para usar da palavra. Escutado com muito interesse e atenção, o sr. Carlos Grangeon, depois de saudar os Membros dos Conselhos de Administração e suas Ex.^{mas} Esposas, começou por afirmar:

Em 8 de Abril do ano findo, reuniu-se num Hotel da Curia o pessoal administrativo e técnico da E. P. A. com suas famílias e com alguns capitães da nossa frota. Foi uma festa extremamente

Aspecto de uma das mesas do jantar





Outro pormenor do jantar

agradável que decorreu num ambiente da mais franca camaradagem e a que se dignou assistir o nosso Gerente-Delegado, sr. Egas Salgueiro e sua Ex.^{ma} Família.

A forma como decorreu deixou em todos o desejo da sua repetição, anualmente, mas em época que permitisse a presença do pessoal do Mar, o que explica o motivo da realização deste modesto jantar em tão fria quadra do ano.

No entanto, levantaram-se ultimamente dúvidas sobre a oportunidade da sua realização. Por um lado, os lamentáveis acontecimentos da Índia que enlutaram o País e por outro, a quebra de um uso de há muitos anos, quebra esta que atingiu o pessoal de terra, tirando-lhe boa dose de disposição e disponibilidades para folgar.

Mas, encarado o problema com serenidade e desempoeiramento de espírito e na esperança de melhores dias, cá estamos todos, em fraterno convívio do qual resultará, certamente, melhor conhecimento mútuo, maior amizade e compreensão, em suma, melhor ambiente de trabalho nos vários departamentos da E. P. A..

Não tenho procuração dos meus colegas de terra para fazer

para o seu descanso...

■ pensamentos

- ★ Um homem não deve ser somente o que está compreendido entre os pés e o pescoço.
- ★ Coisas agradáveis dizem todos, desagradáveis só os amigos.
- ★ A filosofia é o jantar dos miseráveis. Quase sempre quem tem dinheiro janta em casa ou no restaurante.

■ definições curiosas

- ★ Carência — abundância de falta.
- ★ Celibatário — homem que teve a sorte de ser condenado à independência.
- ★ Elegância — gramaticalmente é um «predicado» que serve para atrair o «sujeito».
- ★ Médico — pessoa que passaria mal se todos passassem bem.
- ★ Martelo — instrumento de trabalho que muda de nome quando bate num dedo.
- ★ Nudez — aquilo que a moda exige à mulher... para andar bem vestida.
- ★ Adão — o homem mais feliz de quantos existiram — teve mulher e não teve sogra.
- ★ Camisa — caso sério quando tem onze varas.

■ você é bom empregado

Ao responder às perguntas abaixo formuladas faça — para cada caso — um círculo em volta dos números colocados numa das colunas. No final, deverá proceder à soma dos pontos circundados em cada coluna. É uma vez efectuada essa contagem, veja na página vinte e cinco, se é ou não bom empregado.

	Sim	Às vezes	Não
1 — Expõe o seu caso quando é vítima de injustiça?	2	5	7
2 — Procura remediar o desperdício de material ou perda de tempo no lugar onde trabalha?	6	3	1
3 — Tenta encontrar meios mais eficientes de fazer o seu trabalho e o dos outros?	6	3	1
4 — Interessa-se pelo seu trabalho e pelo progresso da empresa, embora não participe dos lucros?	6	3	1
5 — Desanima facilmente com as críticas dos seus superiores?	0	2	1
6 — Cria facilmente amizades no emprego?	4	0	2
7 — Estuda processos de reorganizar as coisas?	2	1	4
8 — Guarda para si os segredos profissionais?	4	1	3
9 — Inveja os seus colegas de trabalho?	6	4	2
10 — Expõe facilmente os seus pontos de vista aos superiores?	3	1	2
11 — Se vir que é preciso, faz horas extraordinárias sem esperar recompensa e sem se queixar?	3	11	2

de música gravada para dançar. E depois de pedida autorização ao sr. Gerente-Delegado para se dançar um pouco, foi precisamente o sr. Egas Salgueiro quem abriu o baile, acompanhado da Senhora de D. Diogo Passanha, e ao som do famoso Darúbio Azul.

Entrou-se, verdadeiramente, na fase de maior animação da noite, especialmente a partir do momento em que a música gravada foi substituída pelo acordeão que o nosso colega Manuel Reis tocava aprimoradamente, visto que as músicas que então surgiram, por mais conhecidas, fizeram subir o entusiasmo.

Assim se continuou folgando e dançando até cerca da meia noite. Nessa altura, o adiantado da hora levou-nos a interromper o baile, terminando assim o segundo jantar de confraternização do pessoal da Empresa de Pesca de Aveiro.

Não queremos terminar estes apontamentos sem voltar a pôr em relevo a cativante amabilidade da Gerência das Fábricas Alaluia, colocando à nossa disposição o seu Salão de Festas e instalações necessárias para a realização do jantar. Aqui deixamos o nosso sincero reconhecimento.

Depois do jantar, bailou-se animadamente



17



esta afirmação, mas posso assegurar que a E. P. A. pode contar sempre com o seu esforço, boa vontade e desejo de acertar, de que aliás tem dado sobejas provas.

Enão será atrevimento dizer que todos esperam e anseiam que esse esforço, essa vontade de acertar, esse entusiasmo e dedicação com que servem a Empresa voltem a ser compreendidos e compensados como tem sido norma muito louvável e justa da Gerência.

O Mundo dinâmico em que vivemos não é feito para nos deixarmos abater pelo primeiro vento mau que sopra. E' depois das maiores tempestades que vêm as melhores bonanças e aí de nós se se perde a esperança numa manhã de Sol.

Pelo pessoal de bordo, a quem neste momento dirijo as efusivas saudações do pessoal de terra, alguém falará oportunamente, trazendo a esta reunião a voz forte, saudável, com ares de marésia, da gente do mar.

E depois de tecer considerações sobre a actividade embrionária do nosso Grupo, o sr. Carlos Granjeon finalizou:

Antes de terminar, quero agradecer muito reconhecidamente às Fábricas Alaluia a gentilíssima cedência das suas magníficas instalações sociais, para a realização da nossa festa em ambiente acolhedor e amigável. Bem hajam.

Aos Ex.^{mas} Membros dos Conselhos de Gerência e Fiscal e a suas Ex.^{mas} Esposas renovo os nossos agradecimentos pela sua gentilíssima presença que tanto brilho dá à nossa modesta festa de confraternização.

Ao Senhor Gerente-Delegado, sr. Egas Salgueiro, dinâmico orientador, trabalhador infatigável e esclarecido impulsor do progresso da E. P. A., a afirmação da nossa disposição de continuarmos a dar à nossa florescente Empresa o melhor do nosso esforço.

A seguir, pediu licença para dizer algumas palavras, como representante do pessoal de mar, o sr. Capitão João Laruncho São Marcos, que, depois de saudar também os Membros dos Conselhos de Administração e de salientar a gentil presença de suas Ex.^{mas} Esposas, se referiu à grande satisfação que ele e todo o pessoal de mar sentiam por poderem estar presentes nesta festa. E acrescentou:

* A V. Ex.^a, Senhor Egas Salgueiro, que eu também já incluí entre os companheiros de trabalho — por o julgar o maior entre todos, não tanto pelo rendimento, mas pela violência do trabalho que executa — desejo não só saudar como chefe, mas também agradecer a amizade, a confiança e o respeito com que



sempre distinguu os que com V. Ex.^o colaboram.

*Nesta hora de felicidade para todos nós, é com grande prazer que reconhecemos que o mais feliz dos presentes é precisamente V. Ex.^o Senhor Egas Salgueiro, por sentir que não tem sido em vão que na vida tem lutado contra a dureza dos obstáculos e a violência das invejas e incompreensões e finalmente reconhecer que tudo quanto a rodeia é exclusivo e digno fruto do seu trabalho.**

Pedi depois para que o acompanhassem num brinde pela saúde e felicidade do sr. Gerente Delegado, no que foi imediatamente secundado por todos os presentes.

Passado algum tempo, depois de uns momentos de expectativa, levantou-se o sr. Egas Salgueiro que, num feliz improviso, começou por recordar com palavras de saudade os pais dos srs. D. Diogo e D. Luís Passanha, que muito contribuíram para o engrandecimento da E. P. A., merecendo, sem dúvida, que se lhes prestasse homenagem por meio duma prolongada salva de palmas. Depois de extintos os aplausos calorosos que se seguiram, o sr. Gerente-Delegado saudou os colegas dos Conselhos de Gerência e Fiscal e os seus colaboradores presentes e agradeceu a presença das Senhoras de D. Diogo e D. Luís Pas-

sanha, que tiveram a gentileza de se deslocarem de tão longe, na companhia de seus maridos, para nos darem a honra da sua presença.

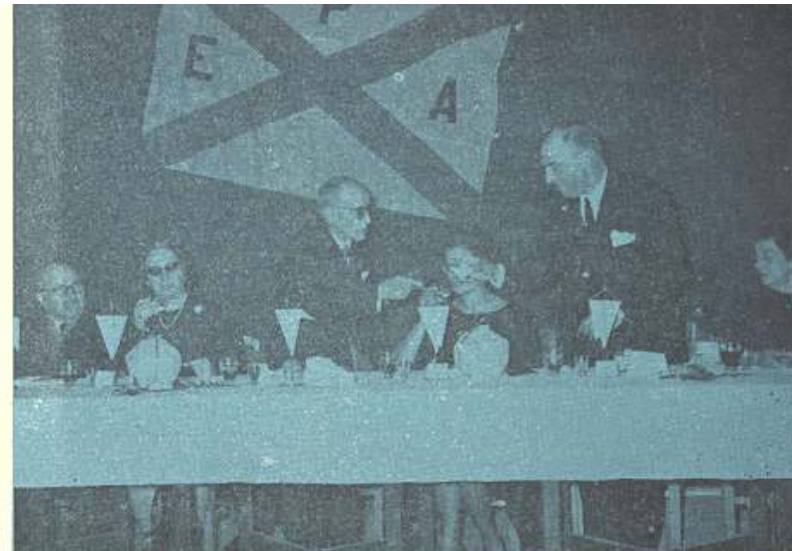
Teceu então algumas considerações sobre a melhoria verificada na cfluência de convivas a este jantar, em comparação com o anterior, especialmente no que se refere à presença de mais senhoras, esposas e filhas de funcionários da E. P. A., o que muito o satisfazia.

Este jantar — disse — é absolutamente necessário para que nos conheçamos melhor, fora da nossa actividade profissional e para que se proporcione uma confraternização que crie e estreite laços de amizade entre todos.

Dirigiu se depois a todos os empregados para manifestar o seu contentamento pela boa colaboração de todos, quer dos que labutam no mar, quer dos que trabalham em terra.

Só merecem louvores — continuou — esses homens de mar competentíssimos que nos trazem a mercadoria tão necessária ao futuro e ao progresso da E. P. A., nunca regateando o seu esforço e o seu apego ao trabalho para o conseguirem. Dá gosto ter ao nosso lado homens desta tẽmpera. Bem hojam os empregados de mar. Os seus colegas de terra sempre têm procurado, também, trabalhar

18



para o progresso e contínuo desenvolvimento da E. P. A., e por isso lhes apresento os meus cumprimentos.

Referiu-se depois à sua maneira de ser para com os empregados, esclarecendo que, se por vezes é um pouco ríspido no seu contacto com eles, não tem qualquer intuito de ferir seja quem for, mas o faz apenas por amizade, para apontar os erros e os pontos fracos de cada colaborador. Pede, por isso, que o desculpem desse tratamento, mas está convicto que mais tarde, com a idade, reconhecerão que essas recomendações eram justificadas e foram úteis.

A seguir e antes de terminar, reafirmou o seu desejo de que estes jantares prossigam cada vez melhores e com mais convivas, para que nos conheçamos melhor, pois a família da E. P. A. deve ser cada vez mais numerosa.

Por último, ergueu a sua taça num brinde para repetir aos seus colegas dos Conselhos de Administração e a todos os seus colaboradores a sua enorme confiança no futuro da E. P. A., sendo acompanhado entusiasmadamente por todos.

Encerrados os discursos e com o jantar praticamente terminado, começaram a ouvir-se os acordes duma conhecida valsa de Strauss, iriçio dum completo programa